

cotidiano

Trecho da rodovia Transamazônica na região de Jacareacanga, no Pará

TRANSAMAZÔNICA

Símbolo da ditadura vira rota do crime

Com pouco mais de 40 anos, estrada vive abandono acompanhado de desmatamento ilegal, grilagem e violência

Cenário pela floresta é de pastos subutilizados e áreas de conservação e terras indígenas sob pressão de madeireiros

Mas a estrada também reserva surpresas mais agradáveis. À beira do rio Maici, os misteriosos índios pirahãs mantêm alguns dos mesmos

hábitos relatados no primeiro contato com os brancos, há três séculos, e se recusam a aprender português.

Em Medicilândia (a 540 km de Belém), maior produtor de cacau do país, uma cooperativa que produz chocolate viu as perspectivas melhorarem após a recente pavimentação

da estrada até Altamira. Em reservas extrativistas, comunidades têm superado os desafios logísticos e de financiamento para viver da ex-

ploração da floresta em pé por meio da castanha-do-pará e de outros produtos.

» LEIA MAIS nas págs. B6 a B8

FABIANO MAISONNAVE
LALO DE ALMEIDA
ENVIADOS ESPECIAIS À TRANSAMAZÔNICA

Na Amazônia, nenhuma intervenção humana provoca tantas mudanças como uma rodovia. E nenhuma rodovia causa tanto impacto na maior floresta tropical do mundo como a Transamazônica.

Pouco mais de 40 anos após a inauguração da estrada símbolo da ditadura militar, a reportagem da **Folha** percorreu quase todo o seu trecho amazônico, entre Lábrea (AM) e Altamira (PA). Do total de 1.751 km, pouco menos de 10% estão asfaltados.

Tal qual ouroboros, a mítica serpente que morde o próprio rabo, a Transamazônica parece andar em círculos desde que foi aberta, sob o lema nacionalista de "Integrar para não entregar".

Último município da rodovia, Lábrea (a 700 km em linha reta de Manaus) é uma das mais novas e destrutivas frentes de desmatamento ilegal, acompanhadas por grilagem e violência. A zona rural soma sete assassinatos por disputa agrária em dez anos, segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Em Altamira (a 450 km em linha reta de Belém), outra megaobra estatal, a hidrelétrica Belo Monte, vem aprofundando impactos negativos na rodovia, como o encurralamento de populações indígenas e a aceleração do desmatamento. A ameaça de violência é permanente.

Entre as duas pontas da rodovia, predominam na paisagem pastos subutilizados, intercalados por unidades de conservação e terras indígenas sob pressão de madeireiros e garimpeiros. As grandes queimadas continuam no período seco, e, com a exceção de urubus, é raro avistar um animal silvestre.

As cidades têm desenvolvimento humano abaixo da média do país e são dependentes de repasses federais. A maioria sobrevive da extração ilegal do ouro e da madeira, cujos lucros compensam os custos de extração em remotas áreas protegidas. O saque se beneficia da repressão esporádica — em duas semanas, a reportagem testemunhou só uma ação fiscalizatória.

"Aqui é o mundo da ilegalidade", afirma a irmã franciscana Ângela Sauzen, que desde 1986 atua em Uruará (a 635 km de Belém), onde até o prefeito é madeireiro. "Quem pode mais, domina."

Com cortes orçamentários, órgãos como Funai (índios) e Ibama (ambiente) diminuíram suas presenças na região. O Instituto Chico Mendes tem 52 servidores para uma área pouco maior que o Paraná: 20,7 mi de hectares, em 21 unidades de conservação.

PREÇO POPULAR

CASAS BAHIA

É PREÇO QUE SÓ A CASAS BAHIA TEM E COM AS MELHORES CONDIÇÕES.

EM ATÉ **24X** FIXAS NO CARNÊ*

TUDO SEM ENTRADA*

EM ATÉ **14X** SEM JUROS NO CARTÃO CASAS BAHIA*

COMPRANDO **NO CARNÊ** VOCÊ COMEÇA A PAGAR SÓ EM DEZEMBRO⁽¹⁾

Lenovo
NOTEBOOK G40-80 PROCESSADOR INTEL® CORE™ I3***, TELA 14" LED.

R\$ 1.999,00 A VISTA

OU DE **R\$ 142,79** SEM JUROS NO CARTÃO CASAS BAHIA

MEMÓRIA RAM 4 GB HD 1 TB

ESCOLHA UM COMPUTADOR COM INTEL®

PREÇO POPULAR

SAMSUNG
SMART TV

48" LED FULL HD Wi-Fi

UN48J5200

PREÇO POPULAR

SAMSUNG TV 48" LED FULL HD COM CONVERSOR DIGITAL

R\$ 2.599,00 A VISTA

OU DE **R\$ 185,64** SEM JUROS NO CARTÃO CASAS BAHIA

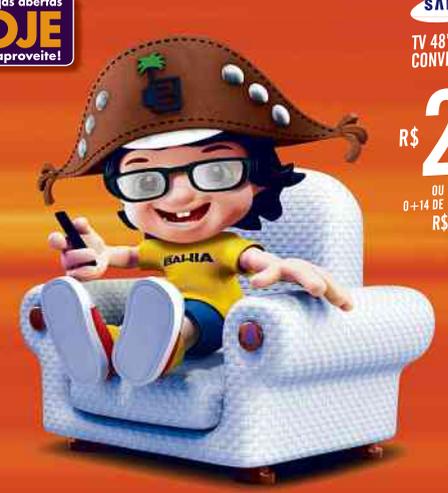
TV LED HD COM CONVERSOR DIGITAL A PARTIR DE**

R\$ 699,00 A VISTA

OU DE **R\$ 49,93** SEM JUROS NO CARTÃO CASAS BAHIA

PREÇO POPULAR LED

lojas abertas **HOJE** aproveite!



Aceitamos cartões de crédito/débito: 

Validade: 23/10/2016, limitado ao estoque. Não vendemos por atacado. Sem juros em até 14X no Cartão Casas Bahia. IOF não incluso. Sujeito a análise e aprovação de crédito. *Condição exclusiva para os produtos anunciados. **Consulte o vendedor sobre os modelos disponíveis. ***Ultrabook, Celeron, Intel, Logotipo Intel, Intel Atom, Intel Atom Inside, Intel Core, Intel Inside, Logotipo Intel Inside, Intel vPro, Itanium, Itanium Inside, Pentium, Pentium Inside, vPro Inside, Xeon, Xeon Phi, e Xeon Inside são marcas registradas da Intel Corporation nos Estados Unidos e em outros países. Fotos ilustrativas. Ofertas válidas apenas para lojas físicas Casas Bahia. Consulte taxas de frete e montagem em nossas filiais. 1º Pagamento no carnê em 24X, juros de 7,85% a.m. e CET de 147,93% a.a., com 1º pagamento para o dia 1º/12/2016 (demais a cada 30 dias), válido apenas para primeira compra nas lojas físicas Casas Bahia, durante o período da promoção. As taxas podem sofrer alterações sem aviso prévio.

Vagas abertas para profissionais com deficiência.

Cadastre-se: casasbahia.com.br/trabalheconosco

FAÇA HOJE O SEU CARTÃO CASAS BAHIA EM QUALQUER UMA DE NOSSAS LOJAS E COMEÇA A COMPRAR AGORA.

Acesse: casasbahia.com.br | televentas: 3004-6336 seg. a sex.: 8h às 22h - sáb. e dom.: 8h às 20h

TRANSAMAZÔNICA

Município dos 'irmãos bode' é a nova fronteira do desmatamento

Filhos de um seringueiro cearense, três homens são caso raro de ascensão social em Lábrea (AM)

Cidade é uma das mais devastadas pelo avanço da pecuária na região; trio comanda de postos de gasolina a fazendas

DOS ENVIADOS A LÁBREA E HUMAITÁ (AM)

Bode Velho, Bode Preto e Bode Augusto. Bastam alguns minutos de conversa em Lábrea, a última cidade da Transamazônica, a 700 km em linha reta de Manaus, para que ao menos um dos irmãos apareça na história.

Não é para menos. Filhos de um seringueiro cearense, são um caso raro de ascensão social na região. Atualmente, estão envolvidos em quase tudo na cidade, uma das mais novas e devastadoras fronteiras de desmatamento.

Empresário, Aurivaldo de Almeida, 58, o Bode Velho, iniciou a fortuna da família com uma pequena barca no rio Purus. Hoje, é dono, entre outros negócios, de uma loja de departamento de tamanho desproporcional ao município de 44 mil habitantes e de quase todos os postos (cobra R\$ 4,98 pelo litro da gasolina, o mais caro da rodovia).

Fazendeiro, Antonio, 51, o Bode Preto, já chegou a ter, com os irmãos, todas as terras que margeiam a Transamazônica entre o casco urbano e o km 30, num total de 17 mil hectares (cerca de cem parques Ibirapuera). Hoje, possui o único frigorífico da cidade e três fazendas.

Na entrada de uma dessas fazendas, à beira da rodovia, ele pendurou o barco que deu início à fortuna da família.

Político, Bode Augusto (PP), 49, foi reeleito vereador com a maior votação do município. Também tem uma pequena empresa, responsável pela colocação de meio-fio nos recém-concluídos 16 km de asfalto da Transamazônica, na entrada da cidade. É o único trecho pavimentado dos 215 km até Humaitá (AM).

“Se procurar a gente pelo nome, dificilmente vai achar. Mas, se perguntar onde mora o Bode Preto, todo mundo sabe”, diz o irmão fazendeiro, na varanda de sua ampla casa, na beira da Transamazônica e famosa pela imensa estátua de São Jorge no jardim.

MAIOR QUE O RJ

Na última década, a cidade dos Bodes se tornou grande frente de desmatamento, principalmente por causa da pecuária. Do início do ano até 9 de outubro, Lábrea havia registrado 1.601 focos de incêndio, ou 16,4% das ocorrências no Amazonas, segundo o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). É o município com mais queimadas neste Estado e o sexto do país.

O fogo é usado para facilitar a substituição de florestas por pastagens e para “limpar” áreas já abertas. A região é uma das que mais contribuíam para o aumento de 24% na taxa anual de desmatamento da Amazônia no período 2014-2015. É o maior avanço desde 2011.

Pecuarista, Bode Preto nega responsabilidade pelos números ruins. Ele alega que comprou as fazendas já formadas —incluindo uma área cujo pasto beira o rio Mari, desrespeitando a mata ciliar— e aponta a distante região sul de Lábrea como o foco das queimadas e desmatamento.

O irmão Bode Augusto operava uma serraria, mas afirma que era em pequena escala e que fechou após receber muitas sucessivas do Ibama, que considera abusivas. Ele admite que usava madei-

ra ilegal, mas disse que empregava “14 pais de família”.

As imagens de satélite mostram que, de fato, é no distante sul de Lábrea, e não no entorno da cidade, que o desmatamento se concentra, embora haja muitos focos ao longo da Transamazônica.

Lábrea é o décimo maior município do país em área — são 68 mil km², pouco menor do que os Estados do RJ e AL somados. No imenso território, há até índios isolados.

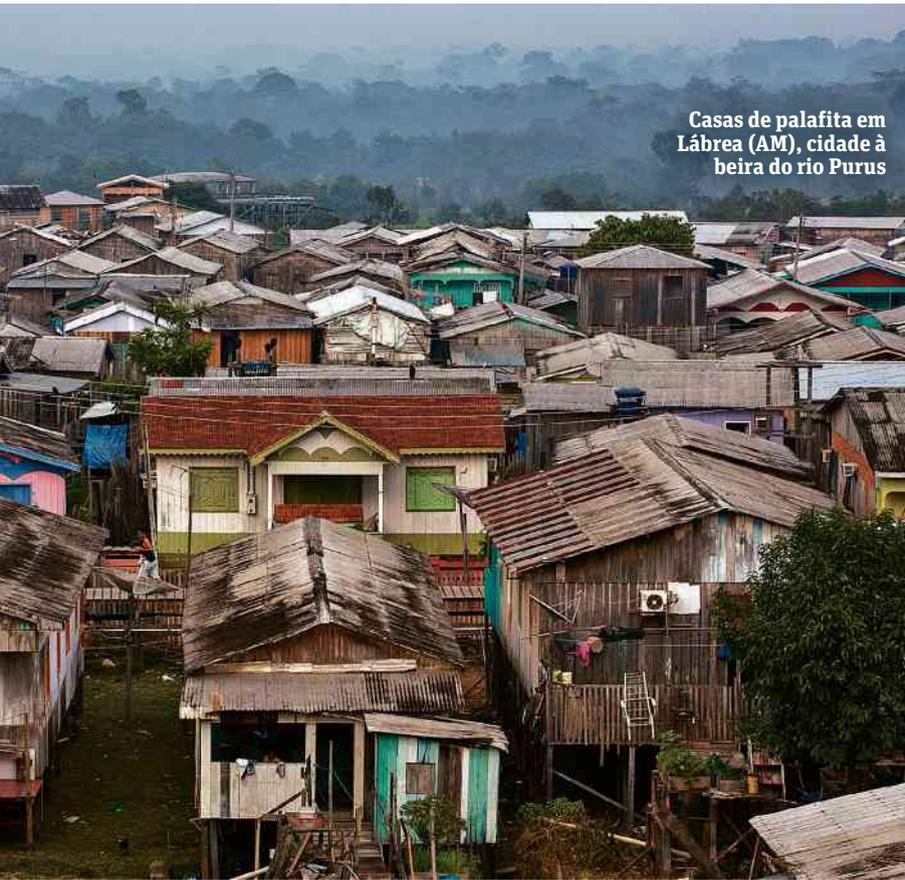
“Lábrea nunca teve muito potencial [econômico]”, diz Bode Preto. “Aqui gira em torno do pescado, da prefeitura. Já tiraram muita madeira desse Purus aí, mas não pode mais tirar. Pra ser sincero, fico quase sem resposta pra ti.”



Aceitamos cartões de crédito/débito: [Logos of various payment methods]

Validade: 23/10/2016. Sem juros no Cartão Casas Bahia para desbloqueados. IOF não incluso. Condição em 24X: consulte o vendedor exclusiva para os produtos anunciados. **Consulte o vendedor sobre os modelos disponíveis. Vivo: acessewww.vivo.com.br/controle. (1)8 GB válidas apenas para lojas físicas Casas Bahia. Limitado ao estoque. Ofertas válidas apenas para as lojas físicas Casas Bahia.

Acesse: casasbahia.com.br | televendas:



Casas de palafita em Lábrea (AM), cidade à beira do rio Purus



Jovem trabalha no porto da cidade; nível de rio está baixo



Avião usado por garimpeiros pousa em pista improvisada

Fotos: Lalo de Almeida/Folhapress

TRANSAMAZÔNICA

Floresta ganha refúgio para o 'amigo garimpeiro'

Margens da rodovia têm exploração ilegal

DOS ENVIADOS ESPECIAIS A ITAITUBA (PA)

Num dos trechos mais isolados da Transamazônica, o km 180, no município de Itaituba (a cerca de 890 km de Belém, em linha reta), parece miragem: três avionetas estacionadas a poucos metros da rodovia, hotel, churrascaria, açougue, borracharia, posto informal de combustível e um minimercado. Tudo para atender o "amigo garimpeiro", como anuncia a placa na entrada.

O ponto está estrategicamente localizado entre Itaituba e Jacareacanga (em linha reta, distante 1.158 km da capital paraense), região com mais de meio século de intensa busca pelo ouro. Dali, os aviões saem carregados de garimpeiros, combustível, maquinários. Descem em pistas clandestinas abertas no meio da floresta repleta de histórias de acidentes e de quase acidentes aéreos.

A chegada ao hotel/churrascaria, no final da tarde, desperta desconfiança. "Vocês são policiais federais?", pergunta o garimpeiro Francisco (nome fictício), enquanto sentava à mesa coberta por uma toalha de plástico. "Aqui, quando tem branco como vocês, a gente sempre acha que é PF."

Passada a suspeita, Francisco, de camiseta regata, chapéu camuflado de pescador e uma chave pendurada no pescoço, se anima a contar a sua história. Com 47 anos, disse que começou no garimpo aos 11. Não tem mulher ou filhos e já se arriscou na Bolívia, em Rondônia e na Guiana, mas diz que o seu lugar é o Pará.

"A cultura daqui é o ouro. Não tem agricultura de grão. A riqueza do Pará é o ouro", assegura, ao mostrar pepitas de ouro envoltas num pano, resultado da recém-encerrada temporada no garimpo.

Às vezes, é preciso parar a conversa para entender o vocabulário específico. Carote é o galão de 60 litros de combustível que, no garimpo, tem valor de troca, como o ouro. Bamburrar é encontrar uma grande quantidade do mineral. PC é a escavadeira mais usada no garimpo.

Algumas cervejas mais tarde, ele se anima a convidar o repórter a investir numa PC de R\$ 500 mil. "Tenho um monte de terra pesquisada, sei onde está o ouro. Todo mês, te entrego 1 kg de ouro, dá para pagar as prestações."

Na "conta de açougueiro", o negócio é tentador. Ao preço de R\$ 120 o grama, 1 kg de ouro renderia R\$ 120 mil, enquanto a prestação mensal do PC sai, em média, R\$ 27 mil, afirma Francisco. No hotel Amigo Fazendeiro, o quarto conta com ar-condicionado, banho privado e ainda oferece internet a R\$ 5/hora.

Medir o tamanho do negócio é impossível, afirma Carlos Botelho da Costa, superintendente no Pará do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Não há estimativas confiáveis, explica, de quantos garimpeiros existem no Estado nem da quantidade de ouro e de outros minerais extraída ilegalmente, mas o volume é expressivo a ponto de sustentar Itaituba, de 98 mil habitantes, a "cidade pepita".

Costa compara fiscalizar o garimpo a "enxugar gelo", dadas as dimensões do Pará. Ele defende uma reforma na legislação para facilitar a legalização. "O fato é que hoje não tem como arbitrarmos a atividade. Isso gera evasão fiscal e danos ambientais."

É PREÇO QUE SÓ A CASAS BAHIA TEM E COM AS MELHORES CONDIÇÕES.

EM ATÉ 24X FIXAS NO CARNÊ* | **TUDO SEM ENTRADA*** | **EM ATÉ 14X SEM JUROS NO CARTÃO CASAS BAHIA***

SanDisk
CARTÃO DE MEMÓRIA SANDISK**
A PARTIR DE **R\$ 29,90** A VISTA

2 Chips

Câmera Digital 3.2 MP

Câmera Frontal 1.3 MP

Tela de 4.9"

POSITIVO
SMARTPHONE POSITIVO ONE DESBLOQUEADO + VIVO CHIP
• PROCESSADOR DUAL-CORE DE 1.3 GHZ
• MEMÓRIA INTERNA 8 GB

R\$ 399,00 A VISTA
OU 0+14 DE **R\$ 28,50** SEM JUROS NO CARTÃO CASAS BAHIA

SAMSUNG
SMARTPHONE SAMSUNG GALAXY J1 2016 DUOS DESBLOQUEADO + VIVO CHIP
• PROCESSADOR QUAD-CORE DE 1.2 GHZ
• MEMÓRIA INTERNA 8 GB

R\$ 599,00 A VISTA
OU 0+14 DE **R\$ 42,79** SEM JUROS NO CARTÃO CASAS BAHIA

vivo ANDROID 5.1

sobre as taxas de juros. Sujeito a análise e aprovação de crédito. *Condição de memória interna + 32 GB no cartão de memória. Fotos ilustrativas. Ofertas

Vagas abertas para profissionais com deficiência. Cadastre-se: casasbahia.com.br/trabalhe conosco

FAÇA HOJE O SEU CARTÃO CASAS BAHIA EM QUALQUER UMA DE NOSSAS LOJAS E COMECE A COMPRAR AGORA.

3004-6336 seg. a sex.: 8h às 22h - sáb. e dom.: 8h às 20h



Índios pirahã, no Amazonas; língua é única no planeta

TRANSAMAZÔNICA

300 ANOS DE RESISTÊNCIA

Acampados à margem da rodovia, índios pirahã falam língua sem números e sem cores e se recusam a ser 'brasileiros' desde o contato com o branco

DOIS ENVIADOS A HUMAITÁ (AM)

À primeira vista, parece um ritual de pobreza. O ônibus estaciona na lanchonete da Sula, a 90 km de Humaitá (AM), e logo mulheres e crianças pirahãs, descalças e em roupas puídas, se aglomeram em torno dos passageiros. Quando têm sorte, saem carregadas com sacos de salgadinho e garrafas de refrigerante.

Mas basta seguir o grupo até o acampamento à beira do rio Maici para entrar em um mundo à parte da rodovia. Sobre a canoa esculpida num tronco único, repousam arco e flecha. Dentro da água transparente, uma Bíblia aberta é folheada lentamente pela correnteza. No fogo aceso no chão arenoso, peixes cozidos inteiros e sem tempero. As moradias se resumem a um teto de palha sustentado por paus e abrigam bichos de estimação como macaco e gambá.

Mas o que mais impressiona é ninguém falar português, apesar de três séculos desde o primeiro contato com o branco. A única língua ali é a melódica pirahã, que não guarda parentesco com nenhum outro idioma vivo do planeta, só é falada no tempo presente e não

inclui números nem cores. A singularidade dos pirahãs tem sido descrita principalmente pelo linguista norte-americano Daniel Everett. Para ele, trata-se da etnia amazônica que mais resistiu às mudanças trazidas pelo homem branco. A história de Everett corrobora a afirmação. Em 1977, com a mulher e três filhos pequenos, ele se mudou para uma aldeia pirahã como missionário cristão. Nas três décadas de convívio, além de não conseguir converter ninguém, ele mesmo se tornou ateu e passou a se dedicar apenas à carreira acadêmica. Em 2005, Everett provocou um terremoto no meio acadêmico ao usar a língua pirahã



para contestar a gramática universal, teoria de Noam Chomsky (MIT), o linguista mais renomado do mundo. Em artigo, Everett argumentou que a gramática pirahã não se encaixa na teoria de Chomsky, pela qual todas as línguas têm um conjunto de características em comum. A principal ausência na língua pirahã seria a recursividade, que consiste em emendar uma frase na outra. Por exemplo: as frases "O cachorro entrou na casa" e "o cachorro está molhado" se tornam "O cachorro que está molhado entrou na casa". A celeuma extrapolou os meios acadêmicos após Everett publicar, em 2008, o livro "Don't Sleep, There are Snakes" (não durma, há cobras). A obra mistura seus estudos com memórias da vida na Amazônia e já foi traduzida para sete idiomas, mas ainda não há versão em português. O interesse pelos pirahãs acaba de ser renovado. Em agosto, o aclamado escritor americano Tom Wolfe publicou o livro "The Kingdom of Speech" (o reino do discurso) com dois capítulos dedicados à etnia e a Everett, a quem acredita ser o autor do mais importante estudo sobre a origem da linguagem humana.

TUDO COMO É

Com exceção de visitas esporádicas de pesquisadores, o acirrado debate em nada mudou a rotina dos pirahãs, estimados em cerca de 700 pessoas. Seminômades, continuam vivendo pelas margens do Maici, quase todo localizado dentro de sua terra indígena, demarcada em 1996, com a ajuda de Everett.

No lugar de missionários, eles agora resistem aos professores do município de Humaitá (AM), que tentam, sem sucesso, ensinar o português. O pouco interesse pela cultura do branco se concentra no uso de alguns utensílios, como panelas, e de alimentos de má qualidade, que eles adoram. O uso do dinheiro é limitado pela ausência do conceito de números —no livro, Everett narra o fracasso em ensinar a soma de 1 + 1 ao longo de oito meses de aula.

O trecho do Maici atravessado pela Transamazônica está fora da demarcação, mas o limite legal é ignorado pelos indígenas, que continuam perambulando em toda a extensão do rio, como fazem há séculos. "Estamos aqui antes da ponte", explicou o pirahã Hiahuai, por uma tradutora.

Seu grupo, de cerca de 40 pessoas, costuma passar alguns meses por ano perto da rodovia. A aldeia principal fica a algumas horas de barco. O convívio na beira da estrada nem sempre é pacífico. Um sitiante, irritado com a perambulação dos pirahãs por suas terras, lidera um abajorro para expulsá-los. Proprietária de um restaurante, dona Dominga se recusou a assinar a petição e diz que não se importa com a visita dos pirahãs, a quem costuma dar pão velho. Ao comparar com outras etnias vizinhas, que moram em casas e são bilíngues, repete um bordão da região: "Eles é que são índios de verdade".

As passagens aéreas dos repórteres FABIANO MAISONNAVE e LALO DE ALMEIDA foram custeadas pelo Ipam (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia), por meio do Projeto Ford Movimentos Sociais e do Projeto Assentamentos Sustentáveis da Amazônia, financiado pelo Fundo Amazônia

F NA INTERNET
Veja o especial completo em folha.com/transamazonica

Fotos Lalo de Almeida/Folhapress



Colar de índia; grupo resiste a aprender o português



Índia pirahã pede alimentos à beira da Transamazônica